

INTERFACES GEOLITERÁRIAS: A OBRA MANUELZÃO E MIGUILIM E SUAS POTENCIALIDADES PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA

Míryan Siomara de Almeida Cerqueira¹

RESUMO

O presente texto tem como propósito discutir as possibilidades de diálogos entre a Geografia e a Literatura e pensá-los a partir de uma perspectiva que venha a contribuir para a utilização de textos literários no ensino de Geografia na Educação Básica. Para tanto, elegeu-se a obra *Manuelzão e Miguilim* do escritor mineiro João Guimarães Rosa que integra a terceira geração Modernista, ou Pós-Modernismo, cujas obras são marcadas pela presença de neologismos, estrutura narrativa não tradicional e por trazer à tona um regionalismo atrelado a temas universais. Tal escolha deu-se pelo fato de *Manuelzão e Miguilim* possuir uma importante reflexão sobre a categoria de análise lugar a partir da narrativa peculiar e regionalista do personagem Miguilim que protagoniza a primeira parte da obra. Nesse sentido, a metodologia utilizada para a construção deste texto ancorou-se na revisão bibliográfica de autores que trabalham na perspectiva da correlação entre a Geografia e a Literatura e também no aporte teórico das formulações de Relph (2013), além da própria análise literária da obra *Manuelzão e Miguilim* de Guimarães Rosa. Assim, foi possível notar que perspectivas que buscam integrar a Geografia e a Literatura na Educação Básica têm grande teor para fortalecer o ensino desta ciência e a obra *Manuelzão e Miguilim* pode ser um importante recurso para o estabelecimento dessas interfaces geoliterárias.

Palavras-chave: Interfaces geoliterárias; Ensino de Geografia; *Manuelzão e Miguilim*.

ABSTRACT

The purpose of this text is to discuss the possibilities of dialogues between Geography and Literature and think about them from a perspective that will contribute to the use of literary texts in the teaching of Geography in Basic Education. To this end, we chose the work *Manuelzão e Miguilim* by the Minas Gerais writer João Guimarães Rosa, who is part of the third Modernist generation, or Post-Modernism, whose works are marked by the presence of neologisms, non-traditional narrative structure and for bringing to light a regionalism linked to to universal themes. This choice was due to the fact that *Manuelzão and Miguilim* have an important reflection on the category of place analysis based on the peculiar and regionalist narrative of the character Miguilim who stars in the first part of the work. In this sense, the methodology used to construct this text was anchored in the bibliographical review of authors who work from the perspective of the correlation between Geography and Literature and also in the theoretical contribution of Relph's (2013) formulations, in addition to the literary analysis of the work *Manuelzão and Miguilim* by Guimarães Rosa. Thus, it was possible to note that perspectives that seek to integrate Geography and Literature in Basic Education have great content to strengthen the teaching of this science and the work *Manuelzão e Miguilim* can be an important resource for establishing these geoliterary interfaces.

Keywords: Geoliterary interfaces; Teaching Geography; *Manuelzão and Miguilim*.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. Professora da Educação Básica da Secretaria da Educação do Estado da Bahia. E-mail:miryan.cerqueira.geo@gmail.com

Num mundo que se diz cada vez mais globalizado, onde tem reinado a desesperança, parece ser necessário resgatarmos o **encanto** da possibilidade de mudanças. É necessário buscarmos novos **caminhos** para, quem sabe, devolvermos ao **Ensino da Geografia** um pouco mais de poesia, sem esquecermos da sua prosa social. (CASTROGIOVANNI, 2007, p.16, grifos do autor)

O ensino de Geografia pela Literatura tem um grande potencial para facilitar a aprendizagem além de propiciar práticas interdisciplinares ao aproximar as áreas do conhecimento de Ciências Humanas e de Linguagens em um contexto de sala de aula da Educação Básica. O que se constata na atualidade é que os jovens leem cada dia menos, principalmente, a literatura nacional. Com o crescimento da literatura fantástica e a popularização das plataformas de *streaming*, atrelado ao aumento dos usuários das redes sociais, o tempo que o jovem disponibiliza para ler torna-se cada dia menor e em muitos casos, é até inexistente. E é em face desse contexto que devemos refletir sobre as potencialidades que as interfaces geoliterárias possuem para oportunizar aos jovens o despertar do interesse pela literatura nacional ao passo que, através dela poderão estabelecer conexões entre os outros campos do saber.

Silva e Barbosa (2014, p. 80), destacam que “o Ensino de Geografia pela literatura promove a ampliação das concepções conceituais e categóricas para os estudantes ao mesmo tempo em que estimula nova linguagem”. Nesse contexto, é importante ressaltar que essa abordagem não deve “procurar a Geografia nas obras literárias”, mas considerar a própria literatura como uma ferramenta para o estudo da geografia. É neste viés que a obra deve ser tratada como sendo um produto de diversos processos sociais, econômicos, políticos e culturais e, por esta razão, não se deve ler uma obra buscando isoladamente as categorias analíticas da Geografia. É preciso considerar que estas se comunicam com o mundo. Silva e Barbosa (2014, p. 84, grifo dos autores), também advertem que ao realizarmos essa tarefa é imprescindível nos “empenharmos nas análises das obras literárias não pela ‘procura’ dos conceitos e categorias geográficas, mas pela totalidade da própria Geografia explicitada na obra literária”.

Trabalhar nesta perspectiva é desafiador porque propõe um rompimento com metodologias que até então estávamos habituados. E como o texto literário possui um teor fictício é preciso fazer ressalvas importantes em seus contextos ao abordarmos. Contudo, as interfaces entre a obra literária e a geografia acabam por abrir novos horizontes

metodológicos e estimulam nos alunos o interesse pela leitura fazendo-os perceber sua importância para a formação cultural e cidadã.

Em Manuelzão e Miguilim, Guimarães Rosa realiza essa intermediação através de múltiplas possibilidades, pois o autor explora diversos elementos do regionalismo brasileiro expresso por meio da maneira como o sertão é retratado no enredo. A obra é rica em elementos socioeconômicos, culturais e ambientais do território brasileiro. Tal característica a torna passível do fornecimento de subsídios para trabalhar temáticas que abarcam o ensino de Geografia na Educação Básica.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para a construção deste texto fundamentou-se na revisão bibliográfica de autores que discutem as correlações entre a Geografia e a Literatura e que consideram haver imprescindíveis interfaces que podem potencializar o estudo da ciência geográfica. Ao lado disto, foi realizada também a revisão literária da obra Manuelzão e Miguilim de Guimarães Rosa a fim de elencar suas interfaces dialógicas entre a geografia e a literatura. Como a obra caracteriza-se por seu teor regionalista e também universalista ao ter um enredo construído a partir dos aspectos regionais, mas que, concomitantemente, é guiado para temas universais, revelando uma característica do autor de explorar em seus personagens o que eles têm em comum com o restante da humanidade. Tais levantamentos serviram de alicerce para a construção do texto que buscou discutir como essas inter-relações podem ser utilizadas para a construção de propostas de ensino em Geografia que estejam pautadas na interdisciplinaridade e na premissa de que os campos do saber dialogam entre si.

INTERFACES DIALÓGICAS ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA

A exploração das interfaces entre a Geografia e a Literatura tem grande potencial para a proposição de novas propostas pedagógicas. Para Paul Claval (2010, p.122), “para compreender a experiência geográfica das pessoas, os depoimentos da literatura e da arte são insubstituíveis”. Nesse sentido, ao considerarmos a literatura enquanto fonte de investigação geográfica estabelecemos aí uma grande parceria no ensino e pesquisa em geografia. Olanda e Almeida (2008, p. 11), trazem que “credita-se à Literatura, que coexiste como modalidade da arte e como constituinte da cultura, a possibilidade de ela intermediar a compreensão da relação do homem com o meio por ele produzido e valorado”.



De acordo com Tuan (1983, p. 186), “a arte e a literatura buscam visibilidade. São tentativas de dar forma sensível ao estado de espírito, sentimentos e ritmos da vida diária”. Dozena, (2020, p. 11), entende que “geografia e arte são transversais à vida humana em suas múltiplas dimensões”, e que, por isso, abrem espaço para um diálogo “plural e motivador”. Entretanto, a dualidade ciência X arte acabou por distanciá-la da Geografia durante um período, o que, na visão de Milton Santos, foi um grande erro, pois, de acordo com o autor, “o maior erro que a Geografia cometeu foi o de querer ser ciência, em vez de ciência e arte”, (SANTOS, 1994, p. 7)

Embora Suzuki (2018) e Uehbe (2018) ressaltem que a relação entre ambas é histórica e indissociável, datada antes mesmo do surgimento da geografia moderna, seu desmembramento foi fruto do processo de divisão do conhecimento e da fragmentação dos conteúdos científicos. Marandola Jr e Oliveira (2009, p. 493), destacam que essa separação em Ciência e Arte “contribuiu para uma resistência a encarar a Literatura enquanto forma de conhecimento legítimo do ponto de vista científico”. Contudo, apesar de ter havido essa dissociação, atualmente, muito tem se produzido academicamente reforçando a necessidade da construção de pontes de diálogo entre as duas áreas. Por isso, Ferreira (2007) afirma que a literatura pode ser considerada como um elo entre os diferentes tipos de realidade incentivando o diálogo entre diversas áreas do conhecimento.

É nessa linha de pensamento que Brosseau (2007) considera a dialogicidade o melhor caminho para trabalhar com a geografia e a literatura. Para este autor, a Literatura, como campo de conhecimento, possui características que lhes são peculiares e que não permite parafraseá-la, sendo necessário, portanto, tratar o texto literário enquanto sujeito, e, como tal, necessita que suas particularidades sejam consideradas. Daí o fato do diálogo entre a Geografia e a Literatura ser entendido na pesquisa como um diálogo de mão dupla; ora consonante, ora dissonante. O que se objetiva ao propor essa interlocução é considerar a obra em sua totalidade e não apenas reduzi-la a fragmentos em que o dialogismo pode *a priori* parecer mais evidente.

É nesse sentido que Brosseau (2007, p. 89), chama a atenção para que “o diálogo não é senão outra estratégia que permite que o geógrafo entre em contato com o romance, interrogando sua própria relação com a linguagem e a escritura graças a um encontro com esse outro, sem procurar assimilá-la”. Essa lógica não impede que o romance seja acessado, o que poderia torná-lo impermeável para o trabalho do geógrafo. Tratar o texto literário como sujeito e considerar a sua totalidade nos leva a trilhar por um caminho interpretativo que considera as particularidades cuja coerência está em consonância com a sua maneira própria e

singular de produzir sentido, daí a sua resistência em ser reduzido a objeto. Portanto, o melhor caminho para acessá-lo é o diálogo. Nessa linha de raciocínio, Brosseau (2007, p. 90) reafirma ser o dialogismo “o procedimento geral, e os métodos, os conceitos, os temas ou as chaves para orientá-lo”.

Ao compreendermos assim, a literatura torna-se um recurso transdisciplinar ao englobar diversas disciplinas tanto das áreas das Ciências Humanas e Linguagens, como também, das Ciências Naturais. Constata-se, portanto, que é de grande importância a articulação entre a literatura e a geografia, principalmente quando é utilizada nas questões que envolvem a relação entre o homem e o meio natural, estreitando as relações entre o espaço geográfico e os leitores (COLFERAI; GOMES, 2009).

A importância da utilização desses textos literários nas aulas de geografia já era apontada por Monteiro (2002), como um dos elementos que propiciam a problematização e análise das questões através do prisma da dinâmica social. O autor que, aliás, foi precursor em explorar pedagogicamente as relações entre geografia e literatura, argumenta:

Tanto no âmbito geral (universal) quanto, sobretudo, naquele nacional (regional) sempre fui adepto de que a utilização de textos literários pelos alunos, além de promover uma proveitosa sintonia com outras disciplinas do contexto curricular, era extremamente útil para retratar – de modo vívido, dinâmico e artístico – paisagens, modos de vida e demais problemas abordados como fatos “geográficos”. (MONTEIRO, 2002, p. 16, grifos do autor).

É em face desse contexto que a literatura de Guimarães Rosa busca retratar e divulgar o sertão mineiro para o mundo, e essas características podem ser exploradas didaticamente no ensino da Geografia até mesmo para a compreensão dos diferentes regionalismos existentes no território brasileiro. Evangelista (2018), afirma que a descrição rosiana não é marcada pela segregação, mas sim, pela multiplicidade de detalhes dos cenários e fatos populares, ao passo que se observa em suas obras, a apreensão de distintos aspectos históricos-geográficos, que auxiliam o leitor na compreensão do sertão mineiro em parte do século XX. Isto em comunhão com outros autores do mesmo período literário auxiliam a traçar um quadro regionalístico do Brasil no período.

Esse aspecto regionalista é bem explorado na obra *Manuelzão e Miguilim* quando o autor opta por enfatizar o discurso sertanejo em um momento histórico brasileiro marcado pelo predomínio do discurso desenvolvimentista. Guimarães Rosa, nesse sentido, apresenta algumas peculiaridades em suas obras que podem ser exploradas. Uma delas é em relação a

linguagem. Carregada de criatividade, incorpora elementos da fala regional e, até mesmo, cria termos a partir da incorporação de expressões de outras línguas. Tudo isso serve como sustentação para construção do sertão rosiano que apresenta inúmeros elementos que além de focalizar na paisagem traz a tona o ser humano em conflito com o ambiente e com ele próprio, o que deixa em evidência o caráter tanto regional quanto universal das suas produções.

DIÁLOGOS GEOLITERÁRIOS EM MANUELZÃO E MIGUILIM

Lançado em 1964, um ano após Guimarães Rosa ter sido eleito para a Academia Brasileira de letras, o romance Regionalista Manuelzão e Miguilim é um deleite para os amantes da literatura. A obra é composta por duas novelas: *Campos Gerais* e *Uma Estória de Amor*, em que, Rosa, traz como protagonistas, dois personagens em momentos diferentes da vida. Enquanto Miguilim, protagonista de “*Campos Gerais*” é um jovem garoto do sertão que não entende o universo dos adultos e, no decorrer do enredo se depara com dilemas básicos da existência humana, em “*Uma estória de amor*”, Manuelzão, já na velhice, reflete sobre a passagem da vida.

As novelas ao retratarem protagonistas em fases diferentes da vida criam uma atmosfera de antítese profícua para o desenvolvimento de temas que engendram o cotidiano das pessoas abrindo espaço para análises em diferentes esferas. Uma delas, sem dúvidas, é a linguagem. Já característica do autor Guimarães Rosa, a linguagem em Manuelzão e Miguilim é carregada de metáforas que fazem-nos refletir sobre os diferentes momentos vividos por cada um dos seus personagens, ao mesmo tempo em que neologismos surgem na narrativa. Aliás, a forma como Rosa trabalha com a linguagem na obra através da combinação da oralidade do interior com temas filosóficos universais fica ainda mais evidente na construção do enredo ao tratar sobre a fase de crescimento. O personagem do jovem Miguilim vive as angústias e incertezas das descobertas que rondam a infância. Através de elementos que remontam a linguagem coloquial, Rosa traz para a narrativa esse tema universal que são as etapas da vida.

Em “*Campos Gerais*”, Miguilim, mesmo não sendo o narrador, apresenta os fatos de acordo com a sua visão de mundo. Já em “*Uma Estória de Amor*”, embora o foco narrativo esteja em terceira pessoa, em diversos momentos do enredo, Rosa, emprega o fluxo de consciência em que as falas e pensamentos dos personagens são misturados. Ao lado disso, a obra apresenta também diversos elementos que a permitem ser analisada sob o viés da Geografia. Sua ambientação dá-se no Sertão mineiro, lugar este bastante explorado nas



narrativas de Guimarães Rosa e que, no caso da obra, parece favorecer a construção dos enredos.

O Sertão é enfatizado na narrativa, sobretudo pelo personagem de Miguilim para quem “*a gente é no sertão*”, (ROSA, 2001, p. 59). Essa passagem do personagem revela uma forte ligação com o lugar. Entretanto, apesar desse forte apego, Miguilim, assim como qualquer jovem menino tinha o desejo de conhecer novos lugares, de ter novas experiências. Por isso, dizia que “*às vezes eu queria avistar o mar, só para não ter uma tristeza...*” (ROSA, 2001, p. 59).

Essas passagens de trechos do personagem nos permite refleti-las a luz da análise geográfica através da perspectiva de lugar. Em Relph (2013), temos um sentido de lugar que transcende sentido geográfico de localização, o que, aliás, cairia em uma concepção reducionista. Para o autor, lugar, remete-nos, sobretudo, ao tipo de experiência e envolvimento que o sujeito cria com o mundo, à sua necessidade de raízes e segurança. Por estas razões, o próprio fomenta a premência da distinção entre lugar e lugares, devendo a geografia ater-se aos estudos do lugar, no singular, pois, este baseia-se nas observações particulares e evidencia a forma como os indivíduos se relacionam com o mundo. Assim, “o núcleo de significado de lugar se estende, penso eu, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nos se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2013, p. 21).

As passagens da obra acima citadas mostram-nos as potencialidades da literatura como ferramenta de ampliação de mundo, pois, possibilita-nos termos acesso a diferentes contextos históricos e sócio-culturais. Nesse sentido, ainda que não tenha sido objetivo do escritor geografizar os temas em que os enredos são ancorados, muitas obras são hoje analisadas sob o viés da dialogicidade em que as narrativas passam a ser idealizadas através de uma ótica geográfica e literária já que comunicam diferentes visões de mundo e de gente.

Cavalcanti (2016, p. 17), defende que “a geografia e a literatura, em particular, devem ser compreendidas como maneiras do homem (d)escrever o mundo, tornando-o inteligível, mesmo que para isso tal mundo precise ser (re)construído, (re)elaborado, (re)criado”. Nesse sentido, em Manuelzão e Miguilim, ao observarmos a forma como o Sertão é retratado na narrativa, observamos que este nos fornece elementos que podem ser geografizados em uma perspectiva de trabalho pedagógico interdisciplinar com a obra na Educação Básica, especialmente na etapa formativa do Ensino Médio ao buscar estabelecer diálogos com outras áreas do conhecimento. O sertão é narrado a partir da perspectiva do jovem Miguilim, da sua visão de mundo e do sertão, o que nos revela traços elementares para transcendermos essa

discussão para a sala de aula a partir da categoria de análise lugar. Como narraríamos os nossos espaços vividos? Com Miguilim, o sertão é vivo, bonito, de gente boa e alegre, mas, em algumas épocas também é seco.

Sertão. O lugar era bonito. O céu subia mais ostentoso, mais avistado do que na Mata do Oeste, azuloso com uns azinhavres, ali o céu parecia mesmo o Céu, de Deus, dos Anjos. E o pasto reinava bom, sem carrapatos, sem moscas de berne, sem pragas. Ao bater daquela enorme luz, o ar um mar seco. Em setembro ou outubro, o gado aqui estava mais gordo do que no Maquiné; porque os fracos, mesmo, morriam logo. O frio se engrossava bom, fazia para a saúde. E a gente, bom povo. Não falavam mole, como os do Centro, nem assurdador e mancheado feito os do Alto-Oeste, sua terra. Falavam limpo duro. Eram diversos. Povo alegre, ressecado. (ROSA, 2001, p. 95)

A narrativa de Miguilim sobre os seus espaço vividos está presente em todo o enredo de Campos Gerais. Nesse sentido, temos na obra uma ênfase dada pelo personagem sobre o seu lugar, o Mutúm, o qual o protagonista tece as seguintes considerações: "*É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre...*" (ROSA, 2001, p. 19). Esse trecho do enredo, em comunhão com a totalidade da obra evidencia o sentimento de pertencimento do protagonista ao lugar. Entretanto, Miguilim, apesar do seu forte apego, também sentia a necessidade de conhecer outros ambientes, de desbravar novos mundos, de saber o que havia por trás daquela serra que cercava o Mutúm. A partir do momento em que o personagem é diagnosticado com miopia e ganha um óculos, vê-se na narrativa que esse seu novo enxergar é também uma nova forma de ver o mundo, de buscar novos horizontes, sem que, contudo, se desprenda identitariamente do seu espaço vivido, o Mutúm.

Os trechos acima citados trazem-nos também uma característica do período literário vivida pelo autor em que o mesmo dá ênfase em suas obras ao discurso sertanejo regionalista em detrimento do discurso desenvolvimentista que estava em ascensão no Brasil da época. Rosa busca através da linguagem literária reforçar questões identitárias e expõe para o mundo o quão diverso é o Brasil. Por razões desta natureza que é salutar a geografia escolar fazer uso das obras literárias, pois, nelas estão imbricadas questões importantes que podem ser discutidas sob um viés geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões aqui brevemente discutidas elencam o amplo leque de possibilidades que existem de aproveitamento das interfaces geoliterárias para a construção de propostas pedagógicas que enriqueçam o ensino da Geografia e comprovem o caráter pluralístico que as obras literárias possuem, à medida que viabilizam serem exploradas por diferentes áreas. Manuelzão e Miguilim é apenas um exemplo dentro dessas possibilidades, já que a obra, assim como outras de Guimarães Rosa, possui um alto teor geográfico que podem ser explorados didaticamente. Afinal, no atual contexto, a aposta na interdisciplinaridade como proposta metodológica de ensino atrelada a contextualização mostra-se como uma escolha assertiva por viabilizar abordagens mais amplas que correlacionam elementos retratados no enredo literário com a realidade vivida.

REFERÊNCIAS

BROSSEAU, M. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

_____. O romance: outro sujeito para a Geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CASTROGIOVANNI, Antonio (Org.) **Ensino da Geografia: caminhos e encantos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CAVALCANTI, T. V. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista – Rio Claro, 2016.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: a geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.

COLFERAI, D.I.G.; GOMES, M.F.V.B. **A literatura como instrumento para uma geografia do campo**, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1605-8.pdf> Acesso em 22 de abr. de 2023.

DOZENA, Alessandro (Org.). **Geografia e Arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020.

EVANGELISTA, V.K.P. **Geografia e literatura: uma aproximação para o desenvolvimento do geoturismo no sertão mineiro de Guimarães Rosa**. 2018. 208f. Tese (Doutorado em geografia) –Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FERREIRA, H. M. **A literatura na sala de aula: uma alternativa de ensino transdisciplinar**. 2007. 377f. Tese (doutorado em educação) –Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. **Geograficidade e espacialidade na literatura**. Geografia Rio Claro, v34, n.3, p.487-508, set/dez.2009.

MONTEIRO, C. A. de F. **O mapa e a trama:** ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de (Org.) **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2013.

ROSA, Guimarães. **Manuelzão e Miguilim.** Editora Nova Fronteira, 11ª edição, 2001.

SANTOS, Milton. **O mundo não existe:** [entrevista concedida à jornalista DorritHarazim]. Veja, São Paulo, ed.1366, ano 27, n.46, p.7-10, 16 nov. 1994.

SILVA, I. A.; BARBOSA, T. O ensino de Geografia e a Literatura: uma contribuição estética. In: **Caminhos da Geografia** – revista online. Uberlândia, v. 15, nº49, p. 80-89, Mar/2014. Disponível em: <O ensino de Geografia e a Literatura: uma contribuição estética | Caminhos de Geografia (ufu.br)> acesso em 06 de jan. de 2021.

SUZUKI, Júlio César. Geografia, Literatura e Arte:sensibilidades geoarteliterárias. In: **Geografia, Literatura e Arte**, v.1, n.1, p.1-4, 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência./ Yi-Fu Tuan: tradução de Livia de Oliveira. – São Paulo: DIFEL, 1983.

UEHBE, Laís. **Geografia, Literatura e Cidade:** uma análise geográfica dos romances urbanos de Jorge Amado. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) USP, 2018.